Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação

ISSN 1808-2599, v. 29, jan–dez, publicação contínua, 2026, p. 1–18.
doi.org/10.30962/ecomps.3351

Regimes de visibilidade e produção social do autismo nas narrativas seriadas contemporâneas

RAQUEL MARQUES CARRIÇO FERREIRA
Universidade Federal de Sergipe
São Cristóvão, Sergipe, Brasil

ADRIANA DA ROSA SANTOS
Universidade Federal de Sergipe
São Cristóvão, Sergipe, Brasil

ID 3351

Recebido em
26.02.2026
Aceito em
06.10.2026

/resumo

O artigo analisa representações do autismo em *Atypical* (2017), *Eu sou Auts* (2019) e *Uma Advogada Extraordinária* (2022), investigando como narrativas seriadas produzem sentidos sobre a neurodivergência. Ancorado nos Estudos Críticos da Deficiência, realiza análise qualitativa de cenas centrais organizadas em cinco eixos. Os resultados mostram que as dificuldades são construídas menos como déficits intrínsecos e mais como efeitos de enquadramentos que ilustram barreiras comunicacionais e institucionais. Conclui que tais representações participam da disputa simbólica sobre modelos sociais de deficiência e da produção social do autismo.

Palavras-chave: Representações sociais. Neurodiversidade. Estudos Críticos da deficiência. Comunicação e saúde.

Regimes of Visibility and the Social Production of Autism in Contemporary Serial Narratives

This article analyzes representations of autism in *Atypical* (2017), *Eu sou Auts* (2019), and *Extraordinary Attorney Woo* (2022), examining how serial narratives construct meanings around neurodivergence. Grounded in Critical Disability Studies, it develops a qualitative analysis of narratively central scenes organized into five axes. The findings show that difficulties are framed less as intrinsic deficits and more as effects of narrative constructions that highlight communicational and institutional barriers. It concludes that these representations participate in the symbolic dispute over disability models and the social production of autism.

Keywords: Social representations. Neurodiversity. Critical disability studies. Communication and health.

Regímenes de visibilidad y producción social del autismo en las narrativas seriadas contemporáneas

Este artículo analiza las representaciones del autismo en *Atypical* (2017), *Eu Sou Auts* (2019) y *Una Abogada Extraordinaria* (2022), examinando cómo las narrativas seriadas construyen sentidos sobre la neurodivergencia. Basado en los Estudios Críticos de la Discapacidad, desarrolla un análisis cualitativo de escenas centrales organizadas en cinco ejes. Los resultados muestran que las dificultades se presentan menos como déficits intrínsecos y más como efectos de construcciones narrativas que evidencian barreras comunicacionales e institucionales. Se concluye que estas representaciones participan en la disputa simbólica sobre los modelos de discapacidad y la producción social del autismo.

Palabras clave: Representaciones sociales. Neurodiversidad. Estudios críticos de la discapacidad. Comunicación y salud.

/autoras

ORCID

Raquel Marques Carriço **FERREIRA**

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa (UNL), com período de doutorado sanduíche na Universidade de Leeds (Inglaterra); mestre em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Professora Titular da Universidade Federal de Sergipe (UFS), com atuação na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM/UFS). Coordena o grupo de pesquisa COMSAÚDE (UFS), dedicado ao estudo das relações entre comunicação, saúde e sociedade.

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil

E-mail: raquelcarrico@academico.ufs.br

ORCID

Adriana da Rosa **SANTOS**

Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (PPGCOM/UFS), na linha de pesquisa Produtos, Processos e Discursos Midiáticos. Especialização em Transtorno do Espectro Autista (TEA) e em Animação Digital pela Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera. Graduada em Jornalismo e em Letras (Português e Francês), ambas pela UFS. Integra o grupo de pesquisa COMSAÚDE (UFS), dedicado ao estudo das interfaces entre comunicação, saúde e sociedade.

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil

E-mail: adriana15jor@gmail.com

Introdução

As narrativas audiovisuais exercem forte influência na produção de sentidos sobre diferença, normalidade e alteridade, funcionando como dispositivos simbólicos que organizam percepções sociais e expectativas de reconhecimento. No campo da Comunicação, essas produções não apenas refletem debates sociais, mas participam ativamente da construção do imaginário social (Moscovici, 1978) ao enquadrar corpos, comportamentos e modos de interação considerados legítimos ou desviantes.

Nos últimos anos, o aumento da presença de personagens autistas em séries, filmes e outras produções ficcionais tem ampliado a visibilidade do autismo e contribuído para a formação da percepção pública sobre essa condição (Dean; Nordahl-Hansen, 2022). Esse movimento, contudo, também aborda a necessidade de problematizar como essas narrativas constroem representações do autismo, uma vez que elas participam da produção e da circulação de sentidos sociais, podendo tanto reforçar estereótipos quanto favorecer compreensões mais plurais sobre a neurodivergência (Jones; Gordon; Mizzi, 2023). Contudo, grande parte dessas representações permanece ancorada em modelos biomédicos e psicologizantes, que enfatizam déficits individuais e traços comportamentais isolados. Estudos recentes indicam que tais abordagens tendem a obscurecer o papel das barreiras sociais, comunicacionais e institucionais na produção da experiência autista (Oliver, 1990; Garland-Thomson, 2017).

O estudo de Adriana Santos e Raquel Ferreira (2026) sistematizou, por meio da análise de conteúdo, 23 pesquisas acadêmicas sobre concepções do autismo no audiovisual. A análise identificou cinco conjuntos recorrentes de características atribuídas aos personagens autistas – *disfuncionalidades psicoemocionais*, *disfuncionalidades sociais*, *disfuncionalidades físicas*, *talentos excepcionais* e *funcionalidade social* – e observou o predomínio de narrativas centradas em disfuncionalidades, ainda que representações mais inclusivas tenham começado a emergir. O levantamento também mostrou que a maior parte das pesquisas analisava obras e personagens de forma isolada, sem explorar comparativamente como diferentes matrizes culturais e narrativas produzem sentidos sobre o autismo. É justamente essa lacuna que orienta o presente estudo.

Assim, este artigo propõe uma análise comparativa de três produções seriadas de países diferentes – *Atypical* (2017/Estados Unidos), *Eu sou Auts* (2019/Brasil) e *Uma Advogada Extraordinária* (2022/Coreia do Sul) –, afastando-se de abordagens centradas na listagem de traços comportamentais ou na avaliação de estereótipos isolados. Em vez disso, desenvolve uma leitura comunicacional dos regimes de visibilidade do autismo, articulando enquadramentos narrativos, processos de estigmatização e a produção social da deficiência em contextos culturais distintos.

Percurso metodológico da análise

O estudo adota uma abordagem qualitativa interpretativa, orientada pela análise de conteúdo temática (Bardin, 2011), articulada aos aportes teóricos de *enquadramento* (Entman, 1993), *estigma* (Goffman, 1988) e *imaginário social* (Moscovici, 1978). Foram selecionadas três séries para análise: *Atypical*, composta por quatro temporadas, totalizando 38 episódios com duração média de 40 minutos cada; *Eu Sou Auts*, com uma temporada de 26 episódios de aproximadamente um minuto e meio cada; e *Uma Advogada Extraordinária*, constituída por uma temporada de 16 episódios, com duração média de 80 minutos por episódio.

A análise seguiu as etapas propostas por Laurence Bardin (2011). Após a fase de pré-análise, procedeu-se à exploração do material, etapa em que foram aplicadas sistematicamente as decisões metodológicas previamente estabelecidas, por meio de operações de codificação, decomposição e enumeração. Trata-se da fase de análise propriamente dita, na qual os materiais são organizados em categorias ou unidades de análise, construídas com base em critérios de similaridade e distância conceitual, bem como na predominância de determinados fatores analíticos.

A exploração do *corpus* iniciou-se com uma leitura flutuante de todas as cenas dos episódios das três produções, exibidas nas plataformas de *streaming* Netflix (*Atypical* e *Uma Advogada Extraordinária*) e YouTube (*Eu Sou Auts*). Em seguida, definiu-se o recorte analítico, concentrado exclusivamente nas cenas que integram o núcleo narrativo dos protagonistas autistas, excluindo-se as sequências dedicadas a personagens secundários ou a tramas paralelas.

Foram definidas quatro unidades de análise: (1) cenas compreendidas como sequências que destacam interações envolvendo os personagens autistas ou cenas solos; (2) diálogos referentes às conversas que envolvem os personagens autistas, com foco nos modos de expressão; (3) personagens autistas, considerando sua caracterização e seu desenvolvimento ao longo da narrativa; e (4) situações sociais entendidas como momentos que retratam interações sociais, desafios e eventuais processos de superação.

A partir da análise, procedeu-se à categorização dos aspectos da representação do autismo. Conforme Bardin (2011), as categorias de análise de conteúdo podem ser *semânticas*, quando baseadas em temas; *sintáticas*, quando focalizam verbos e adjetivos; *lexicais*, quando centradas nos sentidos do conteúdo; e *expressivas*, quando enfatizam aspectos da linguagem e da forma de enunciação. *A priori*, sem prejuízo da emergência de outras categorias ao longo do processo analítico, as categorias adotadas neste artigo incluíram:

1. *Tipos de comportamento dos personagens* (categoria que se refere aos padrões de ações dos protagonistas)
   - Comportamentos repetitivos e estereotipados: ações repetitivas e padrões de comportamento restritos.
   - Respostas a estímulos sensoriais: reações a sons, luzes, texturas, cheiros e gostos.
   - Comportamentos adaptativos: habilidades de adaptação a novas situações e mudanças.
2. *Interações sociais abarcam as dificuldades dos personagens autistas*
   - Iniciativa em interações sociais: capacidade de iniciar conversas e interações.
   - Respostas a interações sociais: como respondem a aproximações de outros.
   - Relações interpessoais: qualidade e profundidade de relacionamentos.
3. *Comunicação* (verbal ou não verbal)
   - Forma de comunicação: uso de fala, gestos e comunicação alternativa.
   - Clareza e coerência na expressão: capacidade de transmitir pensamentos de maneira clara.
   - Barreiras e facilitadores de comunicação: fatores que dificultam ou facilitam a comunicação.
4. *Contextos* (categoria que se refere aos ambientes e situações em que os personagens autistas operam e enfrentam desafios específicos)
   - Escolar/profissional: desempenho e interação em ambientes de trabalho ou estudo.
   - Familiar: dinâmicas familiares e apoio.
   - Social: participação e aceitação em grupos sociais.

A codificação e a categorização dos dados foram realizadas com o apoio de ferramentas computacionais. Inicialmente, o material audiovisual foi transcrito com o auxílio do *software* Notta AI (versão licenciada) para converter a linguagem oral em texto escrito, facilitando a organização do *corpus*. Em seguida, as transcrições e as cenas selecionadas foram importadas para o *software* MaxQDA (versão licenciada), empregado na codificação, categorização e sistematização dos dados. O uso dessas ferramentas permitiu organizarmos o *corpus* de forma sistemática, registrarmos a recorrência de códigos e categorias e garantirmos maior rastreabilidade ao processo analítico. Esses procedimentos tiveram caráter exclusivamente auxiliar, voltado à organização e sistematização dos dados, não configurando uma abordagem quantitativa, mas subsidiando a interpretação qualitativa das narrativas.

Assim, a interpretação dos dados foi orientada pelos pressupostos da pesquisa qualitativa, privilegiando a compreensão dos sentidos produzidos pelas narrativas audiovisuais e das formas de representação do autismo em diferentes contextos socioculturais. Por exemplo, em uma cena de *Atypical*, o personagem autista interpreta literalmente a expressão "mil noites fora de casa" e corrige o cálculo feito pelo amigo, em vez de compreender seu sentido figurado. Essa cena foi inicialmente codificada pela análise como "interpretação literal da linguagem" e, posteriormente, agrupada na categoria "comunicação", ilustrando o processo de codificação e categorização empregado na análise e permitindo identificarmos padrões de representação do autismo.

As narrativas e os contextos em que os personagens autistas estão inseridos foram examinados com atenção especial ao desenvolvimento dos personagens ao longo das tramas. Essa análise incluiu a descrição sistemática das representações do autismo em diferentes dimensões da vida dos personagens, tais como interações sociais, desafios profissionais e dinâmicas familiares. Procedeu-se, ainda, à interpretação das narrativas, buscando compreender como as trajetórias dos personagens autistas são construídas e desenvolvidas ao longo das obras, com destaque para temas recorrentes e estratégias narrativas mobilizadas.

Os contextos sociais e culturais das produções também foram considerados, a fim de compreender de que modo influenciam os modos de representação do autismo. Desse modo, a análise qualitativa possibilitou uma compreensão aprofundada e multifacetada dos sentidos atribuídos ao autismo nas séries analisadas, contribuindo para uma leitura crítica e abrangente das produções audiovisuais que tematizam a condição.

Conforme proposto por Bardin (2011), a etapa final da análise de conteúdo – que contemplou tratamento dos resultados, inferência e interpretação – foi fundamental para a construção de conclusões analíticas consistentes. Segundo a autora, "os resultados brutos são tratados de maneira a se tornarem significativos e válidos. Operações estatísticas simples ou complexas permitem estabelecer quadros de resultados, diagramas e gráficos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise" (Bardin, 2011, p. 131). Esse procedimento possibilitou a identificação de padrões interpretativos e percepções relevantes acerca das concepções do autismo, subsidiando a elaboração de reflexões sobre a importância de retratos mais autênticos e sensíveis do autismo no audiovisual.

Em termos de *corpus*, após o visionamento integral dos episódios, foram identificadas todas as cenas em que os protagonistas autistas apareciam ou interagiam com outros personagens. Considerou-se como unidade de análise cada mudança de ambiente, tempo ou situação narrativa. A aplicação sistemática desses critérios resultou em um *corpus* composto por 954 cenas, distribuídas entre as três produções analisadas. Na etapa seguinte, as cenas foram codificadas e agrupadas em cinco eixos analíticos indutivos: (1) *interação social*; (2) *comunicação*; (3) *padrões de comportamento*; (4) *estereótipos e atribuições de deficiência*; e (5) *agência e funcionalidade social*. Tais eixos foram construídos a partir dos padrões recorrentes identificados no *corpus* e em diálogo com a literatura sobre representações midiáticas do autismo e da deficiência. Por fim, a análise buscou identificar convergências e tensões entre as produções, observando de que modo diferentes contextos culturais e institucionais modulam a visibilidade da neurodivergência e produzem sentidos sobre funcionalidade, autonomia e pertencimento.

Resultados

Esta seção apresenta os resultados da análise a partir dos cinco eixos definidos, buscando articular descrição interpretativa das cenas com referenciais do campo da Comunicação e dos Estudos Críticos da Deficiência. O objetivo não é inventariar comportamentos, mas compreender como as narrativas audiovisuais produzem sentidos sobre interação, comunicação, comportamento, estereótipos e agência, situando o autismo em regimes específicos de normalidade, reconhecimento e participação social.

Eixo 1: Interação social

Nas três produções analisadas, a interação social opera como um recurso narrativo para marcar diferença, gerar conflito e organizar os percursos dos personagens autistas. Mais do que mostrar supostas limitações individuais, as obras constroem a interação como um campo relacional, atravessado por expectativas normativas, regras implícitas e barreiras institucionais que regulam quem pode participar plenamente dos espaços sociais.

Em *Eu sou Auts*, a sociabilidade do protagonista é viabilizada por mediações sensíveis realizadas pelos amigos, que ajustam jogos, linguagem e tempos de interação. Ao representar o engajamento de Auts em brincadeiras simbólicas, a narrativa tensiona o estereótipo de que crianças autistas não participam de jogos imaginativos nem estabelecem vínculos sociais. Conforme apontam Carlo Schmidt e Cristiane Paula (2024), o jogo simbólico pode não emergir espontaneamente em algumas crianças autistas, tornando-se dependente de contextos estruturados e de mediações que favoreçam a coordenação de perspectivas. A série aborda que a participação social não é bloqueada pelo autismo em si, mas pela ausência de ambientes flexíveis e responsivos, alinhando-se ao modelo social da deficiência.

Já em *Uma Advogada Extraordinária*, a interação social é fortemente regulada por normas institucionais do campo jurídico, marcadas por códigos implícitos, hierarquias e expectativas de comunicação performática. Woo Young-woo demonstra interesse social e capacidade de vínculo, mas encontra dificuldades em ambientes que não explicitam suas regras. Quando essas normas são traduzidas ou flexibilizadas, a personagem estabelece relações profissionais consistentes, revelando que a barreira reside na rigidez institucional e não na condição autista.

Por sua vez, em *Atypical*, a interação social é atravessada pelas pressões morais e afetivas da adolescência, um contexto marcado por ambiguidades emocionais e expectativas normativas sobre maturidade, romance e popularidade. Sam enfrenta dificuldades não apenas por suas características individuais, mas porque os códigos sociais juvenis raramente são explicitados. A narrativa mostra que, diante de ambientes mais previsíveis e acolhedores, o personagem constrói vínculos significativos e amplia sua autonomia relacional.

De forma comparativa, as três obras seriadas convergem ao representar a interação social como um processo condicionado por estruturas sociais e institucionais. As dificuldades atribuídas a seus protagonistas não decorrem exclusivamente do autismo, mas das normas que organizam cada contexto. Tal perspectiva reforça a compreensão histórica da deficiência como construção social (Machado, 2012), revelando a passagem de um olhar excludente para princípios orientados pela inclusão.

Eixo 2: Comunicação

A comunicação aparece nas três narrativas como um marcador decisivo de competência social e pertencimento. As obras não apenas retratam dificuldades comunicacionais de pessoas autistas, mas expõem critérios culturais que definem o que é considerado comunicação adequada em diferentes contextos.

Em *Eu sou Auts*, a comunicação é apresentada como um processo relacional: o personagem Auts compreende e se expressa quando a linguagem é direta, objetiva e acompanhada de apoio visual ou gestual. As rupturas comunicativas surgem quando o ambiente recorre a abstrações, metáforas ou múltiplos comandos simultâneos, deslocando a dificuldade do sujeito para o modo como a comunicação é produzida.

Já em *Uma Advogada Extraordinária*, as barreiras comunicacionais estão associadas às normas implícitas do campo jurídico, que privilegia subentendidos, ironias e jogos simbólicos. A personagem Woo Young-woo demonstra elevada competência comunicacional quando essas normas são explicitadas, reforçando a ideia de que a exclusão comunicativa resulta da inacessibilidade dos códigos institucionais.

Por sua vez, em *Atypical*, a comunicação é atravessada por ambiguidades emocionais e sinais não verbais típicos da sociabilidade adolescente. O personagem Sam comunica-se de forma clara em contextos que oferecem previsibilidade e explicitação de intenções, ilustrando que as dificuldades emergem das expectativas sociais de leitura emocional implícita.

De modo sintético, o eixo *comunicação* revela que as barreiras comunicacionais atribuídas ao autismo são produzidas por ambientes que privilegiam rapidez, ambiguidade e performatividade. A acessibilidade comunicacional – que deve envolver clareza, tempo de processamento e redução de ambiguidades – emerge como prática universal de inclusão (Machado, 2012; Gonzaga, 2012).

Eixo 3: Padrões de comportamento

Os padrões de comportamento associados aos personagens autistas – como repetição, hiperfoco, sensibilidade sensorial e busca por previsibilidade – são mobilizados pelas narrativas como elementos identitários e dramáticos. Partindo da noção de *estigma* de Erving Goffman (1988), as obras expõem que tais comportamentos adquirem significado social apenas quando se tornam visíveis em contextos regulados por expectativas normativas.

Em *Eu sou Auts*, esses comportamentos são apresentados como estratégias adaptativas frente a ambientes padronizados, sendo reorganizados quando o contexto oferece previsibilidade e redução de estímulos. Já em *Uma Advogada Extraordinária*, a rigidez comportamental de Woo é interpretada como obstáculo apenas em ambientes institucionais inflexíveis, tornando-se competência quando há acomodação. Em *Atypical*, por sua vez, os padrões comportamentais de Sam entram em conflito com expectativas morais sobre maturidade adolescente, revelando como a pressão por normalidade produz sofrimento social.

Comparativamente, as três obras convergem ao sugerir que comportamentos autistas não indicam incapacidade, mas modos legítimos de organização da experiência, cuja valorização ou estigmatização depende das condições sociais.

Eixo 4: Estereótipos e atribuições de deficiência

Os estereótipos operam como atalhos culturais que tornam o autismo imediatamente reconhecível ao público, ao mesmo tempo em que reduzem a complexidade das experiências vividas por pessoas no espectro autista (Sacramento; Borges, 2020; Chamak, 2010). Nas obras analisadas, esses recursos são mobilizados de maneira ambígua, ora reiterando imagens cristalizadas, ora problematizando tais representações.

Eu sou Auts privilegia a visibilidade do autismo infantil, mas ainda recorre a marcadores estereotipados como comportamentos repetitivos e sensibilidade sensorial. *Uma Advogada Extraordinária* articula os estereótipos da genialidade e da inaptidão social, ao mesmo tempo em que os problematiza ao destacar sua origem institucional. Já *Atypical* tensiona estereótipos afetivos, especialmente aqueles relacionados à empatia e a literalidade, revelando leituras patologizantes produzidas pelo ambiente.

De acordo com Goffman (1988), os estereótipos operam como identidades sociais atribuídas, interferindo nos processos de reconhecimento e pertencimento. As narrativas abordam que o capacitismo sustenta-se na fixação dessas imagens, limitando possibilidades de participação social. Observa-se a recorrência do enquadramento do sujeito autista como literal, genial ou afetivamente restrito, o que marca a operação de estereótipos narrativos.

Eixo 5: Agência e funcionalidade social

A *agência* emerge como um marcador político fundamental nas representações analisadas, definindo até que ponto os personagens autistas são reconhecidos como sujeitos capazes de decidir e participar da vida social. Na série infantil *Eu sou Auts*, a agência da criança é situada e dependente de mediações

acessíveis, revelando que a funcionalidade social decorre das condições oferecidas pelo ambiente. Em *Uma Advogada Extraordinária*, Woo Young-woo exerce elevada agência profissional, constantemente tensionada por normas institucionais rígidas. Em *Atypical,* a agência de Sam é condicionada por expectativas familiares e morais sobre autonomia adolescente.

De forma comparativa, as três obras indicam que a agência não é uma propriedade intrínseca ao sujeito, mas um efeito das relações sociais. A funcionalidade social varia conforme o grau de reconhecimento, flexibilidade e acessibilidade dos contextos, reforçando a tese de que a deficiência é produzida menos pelos modos de ser e mais pelas condições que regulam a participação social.

Discussão

A análise dos cinco eixos demonstra que as três produções constroem regimes de visibilidade distintos, mas complementares, sobre o autismo. Esses regimes articulam dimensões sociais e culturais, confirmando a ideia de que representações midiáticas não apenas espelham realidades, mas produzem significados e expectativas que estruturam o imaginário social (Moscovici, 1978). O modo como cada obra dramatiza comportamentos, interações e formas de comunicação reforça que as dificuldades atribuídas ao autismo emergem tanto de características neurocognitivas quanto, sobretudo, das condições ambientais que modulam participação, reconhecimento e pertencimento.

Esse deslocamento interpretativo dialoga diretamente com o modelo social da deficiência. Para Michael Oliver (1990), a deficiência não é determinada pelo corpo, mas pelas barreiras organizadas socialmente – sejam elas físicas, institucionais, comunicacionais ou atitudinais – que limitam a vida cotidiana das pessoas. Os resultados deste estudo confirmam essa perspectiva: nas três obras analisadas, comportamentos rotulados como "inadequados" deixam de ser obstáculos quando ambientes oferecem previsibilidade, acessibilidade comunicacional, redução de estímulos e mediações claras. Em outras palavras, aquilo que o modelo biomédico define como déficit individual é, nos termos de Oliver (1990), uma incapacidade produzida socialmente.

A contribuição de Goffman (1988) é igualmente central para compreendermos como o audiovisual produz estigmas. O autor descreve o estigma como um processo de deterioração simbólica que reduz uma pessoa a traços negativos ou identidades desviantes. Nas obras analisadas, isso se manifesta de múltiplas formas que reforçam o imaginário de que todo autista é literal (*Eu sou Auts*), genial (*Uma Advogada Extraordinária*), ou não tem empatia (*Atypical*). Embora os três estereótipos atravessem os personagens analisados, eles se manifestam com intensidades e frequências distintas. Essas rotulações revelam mecanismos de classificação moral (Goffman, 1988), acionados pelo roteiro para marcar a diferença e produzir conflito dramático. Contudo, ao mostrar que tais comportamentos reorganizam-se em contextos acessíveis, as narrativas tornam visível que o estigma decorre do olhar social sobre a condição, e não do autismo em si.

Essas dinâmicas também podem ser compreendidas a partir da noção de *enquadramento*, proposta por Robert Entman (1993). Enquadrar significa selecionar certos aspectos da realidade e torná-los mais salientes para orientar interpretações. Cada obra enfatiza elementos distintos do espectro autista – como sensorialidade, hiperfoco, rigidez, afetividade, literalidade –, produzindo leituras diferentes sobre o que significa "ser autista". Quando o enquadramento privilegia déficit e inadequação, reforçam-se leituras patologizantes. Quando privilegia agência, adaptação mútua e acessibilidade, ampliam-se sentidos de diversidade e legitimidade social.

O campo dos Estudos Críticos da Deficiência aprofunda essa análise ao argumentar que normas de normalidade e eficiência organizam fronteiras entre sujeitos considerados toleráveis e intoleráveis (Garland-Thomson, 2017). As obras analisadas confirmam essa tese: personagens são percebidos como mais ou

menos funcionais conforme aproximam-se das expectativas neurotípicas de sociabilidade, produtividade e autocontrole. Em *Atypical*, espera-se que Sam performe "normalidades" da adolescente; em *Uma Advogada Extraordinária*, que Woo adote performatividade jurídica e leitura tácita de hierarquias; em *Eu sou Auts*, que a criança acompanhe o ritmo dos amigos neurotípicos. A suposta disfuncionalidade emerge, portanto, do desencaixe entre normas sociais e ritmos neurodivergentes.

A literatura demonstra que imaginários sociais sobre deficiência influenciam práticas de cuidado, políticas públicas, formas de acolhimento e decisões institucionais (Nadesan, 2005; Chamak, 2010). Representações estigmatizadas tendem a reforçar medicalização, tutela excessiva e baixa expectativa de autonomia. Por outro lado, narrativas que valorizam diversidade, agência e condições sociais de participação contribuem para modelos de cuidado contra-hegemônicos, centrados em acessibilidade, direitos e justiça social, perspectiva alinhada ao pensamento de José Ayres (2007) sobre cuidado como encontro, reconhecimento e coconstrução de soluções.

A partir dessas contribuições, a comparação entre as três produções aborda que, embora compartilhem elementos recorrentes na representação do autismo, elas diferem quanto aos contextos socioculturais e às convenções narrativas que orientam a construção de seus protagonistas e das experiências autistas. As diferenças observadas não decorrem apenas das trajetórias dos personagens, mas também dos repertórios culturais, institucionais e sociais mobilizados por cada narrativa. É importante destacar que essas diferenças não devem ser interpretadas como características homogêneas das sociedades estadunidense, sul-coreana ou brasileira. As inferências apresentadas referem-se às representações construídas pelas obras audiovisuais analisadas, as quais dialogam com valores, discursos e enquadramentos culturais presentes em seus respectivos contextos de produção. Nessa perspectiva, compreende-se que as narrativas funcionam como formas de *enquadramento* (Entman, 1993) e de *produção de representações sociais* (Moscovici, 2007), evidenciando modos específicos de significar o autismo em diferentes contextos socioculturais.

A comparação entre as séries revela que a autonomia, a inclusão, o papel da família, o trabalho e as manifestações do capacitismo assumem configurações distintas. Em *Atypical*, a autonomia é representada como um processo de conquista da independência individual, sendo construída por meio da entrada na universidade, da inserção no mercado de trabalho, da construção de relacionamentos afetivos e da ampliação da capacidade de tomar decisões sobre a própria vida. Nessa trajetória, a família desempenha papel central ao reduzir gradualmente a superproteção e incentivar experiências que favorecem o amadurecimento do protagonista.

Em *Uma Advogada Extraordinária*, a abordagem da autonomia assume outra configuração. A protagonista já possui independência funcional, e os principais conflitos concentram-se na busca por reconhecimento profissional e legitimidade social. A narrativa evidencia que as maiores barreiras não decorrem da deficiência em si, mas da necessidade constante de demonstrar competência para ocupar espaços altamente valorizados socialmente, deslocando o foco para as formas de capacitismo presentes no ambiente institucional.

Na animação brasileira *Eu sou Auts*, por sua vez, a autonomia é representada como um processo relacional. A participação do protagonista é favorecida pela adaptação das interações, das brincadeiras e das formas de comunicação realizadas pelos colegas, enfatizando que a inclusão depende também da transformação do ambiente social. Diferentemente das demais produções, a narrativa concentra-se na infância e atribui maior protagonismo às relações cotidianas, abordando a construção coletiva da participação.

Essas aproximações e diferenças demonstram que, embora as três produções contribuam para ampliar a visibilidade das pessoas autistas e questionar representações estigmatizantes, cada narrativa mobiliza repertórios culturais específicos para construir seus significados sobre autonomia, deficiência e inclusão.

Tabela 1: Síntese comparativa das representações do autismo nas séries analisadas

Dimensão	*Atypical* (Estados Unidos)	*Uma Advogada Extraordinária* (Coreia do Sul)	*Eu sou Auts* (Brasil)
Concepção de autonomia	Representada como conquista da independência individual, envolvendo universidade, trabalho, relacionamentos e tomada de decisões	Representada como reconhecimento profissional e legitimação social das capacidades da protagonista	Representada como participação apoiada, construída pela adaptação das interações e do ambiente social
Papel da família e amigos	A família reduz gradualmente a superproteção e incentiva experiências de independência	A família atua como importante mediadora entre a protagonista e as exigências sociais, oferecendo apoio diante das barreiras institucionais	Os três amigos de Auts compartilham o processo de inclusão, valorizando as relações cotidianas
Sentido do trabalho	O trabalho representa amadurecimento, autonomia e desenvolvimento pessoal	O trabalho constitui o principal espaço de reconhecimento, competência e enfrentamento do preconceito	O trabalho não é eixo narrativo em razão da infância do protagonista; a inclusão é construída por meio da convivência, da aprendizagem e das brincadeiras
Principal barreira à inclusão	Superproteção e baixa expectativa sobre a autonomia de Sam	Desconfiança quanto à competência profissional e ao reconhecimento social da protagonista	Necessidade de adaptação das interações e promoção da convivência inclusiva entre as crianças
Concepção de inclusão	A inclusão é associada ao fortalecimento da autonomia individual com apoio familiar e institucional	A inclusão depende do reconhecimento das capacidades da pessoa autista em ambientes socialmente competitivos	A inclusão é construída coletivamente por meio da adaptação do ambiente, das práticas comunicacionais e das relações sociais

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Esses resultados também trazem disputas epistêmicas em torno da definição e da representação do autismo. Enquanto o DSM-5 (APA, 2014) adota uma abordagem biomédica centrada em critérios diagnósticos, a perspectiva da neurodiversidade compreende o autismo como uma expressão legítima da diversidade humana (Singer, 1999; Silberman, 2015). Como observa Robert Chapman (2023), o paradigma da neurodiversidade emerge como uma crítica à tradição patologizante do autismo, deslocando o foco da correção dos déficits para o reconhecimento das diferenças neurológicas como parte da diversidade humana.

Essa tensão pode ser compreendida, ainda, pela perspectiva decolonial, que problematiza os processos pelos quais determinados saberes se tornam hegemônicos e definem quais corpos e modos de existir podem ser considerados normais ou desviantes (Quijano, 2005; Mignolo, 2017). Nessa direção, Giovanna Nicolau e colegas (2025) argumentam que o modelo biomédico, ao reforçar o binômio norma/desvio, tende a produzir processos de normalização que classificam corpos e mentes autistas como disfuncionais, legi-

timando práticas de exclusão e invisibilização. Essa disputa entre diferentes paradigmas de compreensão do autismo também manifesta-se nas narrativas audiovisuais analisadas. Os resultados demonstram que as produções alternam representações que enfatizam déficits relacionados à comunicação, à interação social e ao comportamento, com narrativas que reconhecem diferentes formas de agência, pertencimento e participação social. Essa oscilação revela que o audiovisual constitui um espaço de disputa simbólica entre modelos de deficiência, participando ativamente da produção social do autismo ao legitimar ou contestar discursos hegemônicos.

Essa interpretação é corroborada por Sehyun Nam e Seryoung Kim (2023), que, ao investigarem os impactos de *Uma Advogada Extraordinária* na cobertura jornalística sul-coreana, observaram uma mudança no enquadramento do autismo após a exibição da série. Segundo os autores, a predominância de uma abordagem centrada no déficit e no tratamento foi gradualmente substituída por discussões voltadas à inclusão, à acessibilidade e à participação social. Embora o presente estudo não tenha como objetivo mensurar os efeitos das séries sobre a opinião pública, seus resultados convergem com essa discussão ao refletirem que a participação das narrativas audiovisuais na produção e na circulação de sentidos sobre o autismo, bem como na constituição de regimes de visibilidade que tensionam perspectivas biomédicas e modelos sociais da deficiência, reafirmando o papel do audiovisual na construção dos significados sociais atribuídos à neurodivergência.

A comparação evidencia que as diferenças observadas não decorrem apenas das características dos personagens, mas das formas pelas quais distintas narrativas audiovisuais mobilizam repertórios culturais para produzir representações do autismo. Nesse sentido, o estudo amplia a compreensão das representações midiáticas ao demonstrar que processos de autonomia, inclusão e enfrentamento do capacitismo são narrativamente construídos de maneiras diversas conforme o contexto sociocultural.

Assim, a discussão reforça uma tese central: o audiovisual não apenas representa pessoas autistas, contribuindo também para a produção de sentidos que influenciam políticas, práticas, afetos e modos de convivência. Os cinco eixos analisados mostram que a deficiência não trata-se de um atributo individual, mas de um fenômeno relacional, construído na interação entre sujeitos e ambientes. Avançar em representações mais éticas e inclusivas implica desnaturalizar estereótipos, expor barreiras sociais e reconhecer a agência das pessoas autistas como parte legítima da vida social.

Conclusão

Os resultados desta análise comparativa revelam que as representações do autismo nas três produções audiovisuais – *Eu sou Auts, Uma Advogada Extraordinária e Atypical* – são atravessadas por tensões entre modelos biomédicos, sociais e culturais da deficiência. Embora cada obra construa seu próprio regime narrativo, todas abordam dificuldades associadas ao autismo, sobretudo, as barreiras comunicacionais, institucionais e relacionais que estruturam os ambientes. Essa constatação reforça a compreensão do modelo social da deficiência, que parte da perspectiva de que tais barreiras não são propriedades intrínsecas ao sujeito autista, mas efeitos de contextos que falham em acolher ritmos, modos de ser e necessidades diversas (Oliver, 1990).

Em convergência com a noção de *estigma* proposta por Goffman (1988), as obras analisadas também revelam como identidades autistas são frequentemente enquadradas por categorias morais e expectativas normativas que reduzem sua complexidade – como literalidade, genialidade compensatória, inadequação social ou falta de empatia. No entanto, quando ambientes flexibilizam rotinas, explicitam regras, reduzem estímulos e reconhecem singularidades, tais estereótipos se desfazem, evidenciando que o estigma é menos uma marca individual e mais um processo social de desvalorização.

A partir da perspectiva dos enquadramentos midiáticos (Entman, 1993), observamos que cada narrativa seleciona certos elementos do espectro autista – tais como sensorialidade, literalidade, hiperfoco, rigidez, vulnerabilidade emocional – e os torna mais ou menos salientes, orientando interpretações do público. Essas escolhas não são neutras: elas moldam expectativas sobre funcionalidade, autonomia e convivência, contribuindo para consolidar ou contestar regimes culturais de normalidade (Garland-Thomson, 2017).

Do ponto de vista da saúde coletiva, os achados deste estudo apontam para implicações importantes. Representações estigmatizantes reforçam práticas de tutela, medicalização excessiva e exclusão institucional, enquanto narrativas que valorizam acessibilidade, mediação sensível e reconhecimento ampliam possibilidades de participação e cidadania (Nadesan, 2005; Chamak, 2010). Assim, o audiovisual constitui não apenas um espaço simbólico, mas um terreno político que influencia percepções sociais, políticas públicas e modos de cuidado, sobretudo no que diz respeito às populações neurodivergentes.

Em síntese, este estudo demonstra que a deficiência, tal como representada nas três obras analisadas, não é expressão direta de um diagnóstico, mas um fenômeno relacional que se torna mais ou menos pronunciado conforme as condições ambientais de comunicação, previsibilidade, mediação institucional e reconhecimento cultural. As narrativas seriadas indicam que a agência, a construção de vínculos e a participação social de pessoas autistas não são atributos individuais isolados, mas efeitos produzidos pela mediação dos contextos sociais. Ao reduzir a dependência de normas implícitas e promover ambientes acessíveis e acolhedores – como exemplificado em *Atypical*, quando o baile de formatura é estruturado a partir de princípios inclusivos –, as obras deslocam a leitura do autismo como limitação intrínseca para uma compreensão relacional da diferença. Essa abordagem converge com perspectivas contemporâneas que concebem o autismo como uma variação legítima da experiência humana (Singer, 1999; Silberman, 2015).

Portanto, avançar em representações éticas do autismo no audiovisual requer deslocar o foco do déficit individual para os sistemas sociais que produzem barreiras e desigualdades. Isso inclui, entre outros aspectos, ampliar a diversidade de personagens, incorporar vozes autistas no processo de criação e promover narrativas que reconheçam a pluralidade da neurodivergência em suas dimensões afetivas, sensoriais, culturais e relacionais. Somente assim será possível construir imaginários sociais mais justos, complexos e inclusivos, capazes de influenciar positivamente práticas de cuidado e políticas públicas no campo da saúde coletiva.

Referências

APA – American Psychological Association. **DSM-5**: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 50-58.

AYRES, J. R. C. M. **Cuidado**: trabalho e interação nas práticas de saúde. Rio de Janeiro: CEPESC; IMS/UERJ; ABRASCO, 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CHAMAK, B. Autism and Social Movements: French Parents' Associations and International Autistic Individuals' Organizations. **Sociology of Health & Illness**, Newcastle upon Tyne, v. 30, n. 1, p. 76-96, 2010.

CHAPMAN, R. **Empire of Normality**: Neurodiversity and Capitalism. Londres: Pluto Press, 2023.

DEAN, M.; NORDAHL-HANSEN, A. A Review of Research Studying Film and Television Representations of ASD. **Review Journal of Autism and Developmental Disorders**, Cham, v. 9, n. 4, p. 470-479, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1007/s40489-021-00273-8. Acesso em: 8 jul. 2026.

ENTMAN, R. M. Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. **Journal of Communication**, Washington D.C., v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.

GARLAND-THOMSON, R. **Extraordinary Bodies**: Figuring Physical Disability in American Culture and Literature. 20th Anniversary Edition. Nova York: Columbia University Press, 2017.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Tradução de Marcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GONZAGA, E. A. O direito dos alunos com deficiência à educação escolar. *In*: BOSA, C. A.; SANINI, C.; ROSELLI, C. C. B.; LARA, M. F. A. (org.). **Inclusão**: o direito de ser e participar. Piracicaba: Biscalchin Editor, 2012. p. 79-91.

JONES, S. C.; GORDON, C. S.; MIZZI, S. Representation of Autism in Fictional Media: a Systematic Review of Media Content and its Impact on Viewer Knowledge and Understanding of Autism. **Autism**, Thousand Oaks, v. 27, n. 8, p. 2205-2217, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1177/13623613231155770. Acesso em: 7 jul. 2026.

MACHADO, R. Outro olhar, outra visão para se fazer inclusão. *In*: BOSA, C. A.; SANINI, C.; ROSELLI, C. C. B.; LARA, M. F. A. (org.). **Inclusão**: o direito de ser e participar. Piracicaba: Biscalchin Editor, 2012. p. 27-38.

MIGNOLO, W. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 32, n. 94, e329402, jun. 2017.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NADESAN, M. H. **Constructing Autism**: Unraveling the "Truth" and Understanding the Social. Nova York: Routledge, 2005.

NAM, S.; KIM, S. The Impacts of Drama Extraordinary Attorney Woo on Autistic Spectrum Disability Awareness Using Big Data Analysis. **Asian Journal of Human Services**, v. 25, p. 101-118, 2023.

NICOLAU, G.; GESSER, M.; SILVA, S. C.; ASSIS, P. O que é autismo? Reflexões críticas a partir da neurodiversidade e dos estudos da deficiência. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 38, 2025. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial. Acesso em: 29 jun. 2026.

OLIVER, M. **The Politics of Disablement**. Londres: Macmillan, 1990.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e Ciências Sociais – perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.

SACRAMENTO, I.; BORGES, W. C. **Representações midiáticas da saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2020.

SANTOS, A. R.; FERREIRA, R. M. C. Autismo nas telas: regimes narrativos, imaginários sociais e disputas epistêmicas no audiovisual. **Temática**, João Pessoa, ano 22, n. 5, p. 16-30, maio 2026. Disponível em: https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8931.2026v22n5.78777. Acesso em: 2 jun. 2026.

SCHMIDT, C.; PAULA, C. S. **Transtorno do espectro autista**: pesquisas na saúde e na educação. Campinas: Papirus, 2024. (E-book.)

SILBERMAN, S. **NeuroTribes**: the Legacy of Autism and the Future of Neurodiversity. Nova York: Avery, 2015.

SINGER, J. “Why Can’t You Be Normal for Once in Your Life?” from a “Problem with No Name” to the Emergence of a New Category of Difference. *In:* DAVIS, L. (ed.). **The Disability Reader**. Londres: Routledge, 1999. p. 59-67.

Informações do artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese
O artigo apresenta novas análises e ajustes nos resultados da dissertação de mestrado *Luz, câmera, inclusão: retratos do Transtorno do Espectro Autista nas séries*, defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe (PPGCOM/UFS).

Fontes de financiamento
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Apresentação anterior
Resumo aprovado na modalidade Comunicação Oral, no 14º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, realizado de 29 de novembro a 3 de dezembro de 2025 na cidade de Brasília.

Agradecimentos/Contribuições adicionais
Não se aplica.

Informações para textos em coautoria

Concepção e desenho da pesquisa
Raquel Marques Carriço Ferreira

Coleta de dados
Adriana da Rosa Santos

Análise e/ou interpretação dos dados
Adriana da Rosa Santos e Raquel Marques Carriço Ferreira

Escrita e redação do artigo
Adriana da Rosa Santos e Raquel Marques Carriço Ferreira

Revisão crítica do conteúdo intelectual
Raquel Marques Carriço Ferreira

Formatação e adequação do texto ao template da E-Compós
Adriana da Rosa Santos

Informações sobre cuidados éticos e integridade científica

A pesquisa que resultou neste artigo teve financiamento?
Sim.

Financiadores influenciaram em alguma etapa ou resultado da pesquisa?
Não se aplica.

Liste os financiadores da pesquisa:
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com os financiadores da pesquisa?
Não se aplica.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:
Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização mencionada pelo artigo?
Não se aplica.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:
Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização que pode ser afetada direta ou indiretamente pelo artigo?
Não se aplica.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:
Não se aplica.

Interferências políticas ou econômicas produziram efeitos indesejados ou inesperados à pesquisa, alterando ou comprometendo os resultados do estudo?
Não se aplica.

Que interferências foram detectadas?
Não se aplica.

Mencione outros eventuais conflitos de interesse no desenvolvimento da pesquisa ou produção do artigo:
Não há conflitos de interesse.

A pesquisa que originou este artigo foi realizada com seres humanos?
Não se aplica.

Entrevistas, grupos focais, aplicação de questionários e experimentações envolvendo seres humanos tiveram o conhecimento e a concordância dos participantes da pesquisa?
Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Participantes da pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?
Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

A pesquisa tramitou em Comitê de Ética em Pesquisa?
Não se aplica.

O Comitê de Ética em Pesquisa aprovou a coleta dos dados?
Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Mencione outros cuidados éticos adotados na realização da pesquisa e na produção do artigo:
Não se aplica.

Declaração de uso de Inteligência Artificial
Durante o desenvolvimento desta pesquisa, foram utilizadas ferramentas de Inteligência Artificial (IA) como recursos auxiliares em etapas específicas do trabalho. Foi utilizado o software *Notta AI* (versão licenciada), com recursos de IA para reconhecimento de fala, para realizar a transcrição automatizada dos conteúdos audiovisuais das séries analisadas. Sua utilização teve como finalidade converter a linguagem oral em texto escrito, facilitando a organização do *corpus* e o posterior processo de codificação e categorização dos dados. A transcrição ocorreu por meio da funcionalidade automatizada da ferramenta, sem a utilização de *prompts* textuais específicos. Também foi utilizado o *ChatGPT*, ferramenta de IA generativa desenvolvida pela OpenAI, como recurso de apoio à revisão linguística e ao aprimoramento da redação acadêmica. Sua utilização ocorreu com a finalidade de contribuir para a clareza, a coesão, a coerência e a adequação da linguagem científica. Os *prompts* empregados estiveram relacionados à revisão da escrita, incluindo solicitações como: “Revise o texto quanto à ortografia, gramática e pontuação”; “Reescreva o parágrafo para melhorar a clareza e a coesão, preservando seu sentido original”; e “Aprimore a linguagem acadêmica do trecho, mantendo as ideias e as referências apresentadas”. Tais ferramentas foram utilizadas como recursos auxiliares, permanecendo sob responsabilidade das autoras a definição dos procedimentos metodológicos, a análise e interpretação dos dados, a fundamentação teórica e a validação do conteúdo científico apresentado no artigo.